

## CONCURSO CULTURAL

### EU, CRIATURA

#### CÉSAR BRAGA RODRIGUEZ MARTINS

Baiano, 29 anos, escritor em seus raros momentos de folga, o autor consome o grosso de seu tempo no *dungeon crawling* dos fóruns locais, tentando sobreviver aos encontros aleatórios com entidades malignas, passar de nível para chegar à próxima instância e angariar XP suficiente para resistir ao dia em que o grande Rei Zumbi Ruy-Barbosa-Thotep irá se erguer do fundo de sua cripta em busca de vingança.

#### A CAATINGA É A SEBE

*Traição* foi um dos raríssimos contos inscritos no Concurso Cultural Eu, Criatura a tratar do universo de *Changeling: os Perdidos*. Compreensível, dado que, em 2009, quando o concurso foi realizado, só se encontrava *Changeling* no Brasil em língua inglesa.

*Traição* chegou a ser apontado por um dos jurados como um dos melhores contos inscritos, mas, por obra do destino — Sorte malvada! —, acabou não ficando entre os premiados. Decidimos publicá-lo agora porque o conto explora com maestria e criatividade a adaptação de um cenário como o de *Changeling*, fundamentado em lendas europeias, ao universo mítico brasileiro. Mostra que nosso folclore e nossas paisagens comportam histórias fantásticas ou marcadas pelo horror. Histórias que, com o tratamento correto, não precisam se envergonhar diante de J. R. R. Tolkien e H. P. Lovecraft.

Devir Livraria

2011

## TRAIÇÃO

### I. O JOVEM BRANCO

Já era manhã quando Xavier chegou a sua casa. Sentado à soleira do portão de sua residência, pôde ver um negro idoso, de parecer cafuzo, mal-roupido, contemplativo e sorridente — decerto um mendigo. Pareceu não notar sua chegada, pois continuou fitando um horizonte perdido à frente enquanto Xavier esgueirava-se por ele porta adentro.

A cena repetia-se diariamente: sempre pela manhã, lá estava o negro — provavelmente não um mendigo, talvez um carregador da feira. Após alguns desses encontros casuais, aparentando-se menos deslumbrado com o mundo, o velho já fitava diretamente as realidades: no início, olhava para as casas defrente; aos poucos, em outros dias, foi olhando para os transeuntes, os vendedores de cuscuz, os entregadores de jornal. E sempre na mesma porta, deixando Xavier mais e mais intrigado. Logo o dito cujo não lhe pareceria tanto um feirante quanto um preto velho, muito simpático, por sinal. Num desses dias — Xavier já nem achava tanto desaforo ele sentado à porta —, o velho acenou-lhe um bom-dia com a cabeça. O ápice desses encontros foi quando o altivo senhor dirigiu-lhe a palavra e, falando como a um velho amigo, desatou a contar-lhe histórias: contos realistas, histórias dignas da literatura mais absurda, piadas de papagaio, judeu e português; da ficção científica ao realismo fantástico, passando por mentiras de pescador, o velho era uma enciclopédia de maravilha e diversão, com talento especial para adivinhar o que sua audiência desejava.

Parece que houve muitos desses encontros, e, assim como hoje lhes conto esta história, nalgum momento Xavier esmiuçou-me os acontecimentos que ora desfraldo diante de vocês. Sou testemunha de como, enquanto contava, lampejavam seus olhos; de sua euforia, como se a própria vida dependesse disso; de uma *mise en scène* da qual não o achava capaz. E, ao fim de cada “causo” recontado, Xavier deixava um inocente silêncio, claramente elaborado para que eu me convidasse para suas próximas conversas — estratégia que não tardou a funcionar. No dia seguinte, descemos a ladeira da Praça Velha para o encontro. Senti alguma coisa em suspensão nos ares da praça, algo que impunha uma sensação de reverência, antiguidade e maravilha ainda maiores que o normal de lá; além disso, o lugar, em geral movimentado, estava estranhamente vazio: nem um cachorro se via pelas ruas. Para completar as estranhezas, no meio da praça, no lugar de uma muda de macieira de metro e meio, pusera-se uma árvore tão grande

que quinze pessoas não poderiam abraçá-la, de cujas folhas pendiam chumaços de algodão, e cujas enormes raízes tabulares formavam aposentos sem teto plantados no solo. E eis que, de um desses “cômodos”, surgiu uma cabeça! Um senhor branco, de vastos bigodes invejáveis, com inesperada familiaridade perguntou a Xavier:

— É essa tua troca?

Para meu maior espanto, Xavier respondeu-lhe:

— Por quê? Algo errado?

E após um rápido exame visual (lembro claramente que o velho confe-riu meus dentes), respondeu:

— Não. É tão bom quanto qualquer outro.

— Do que vocês estão falando? Quem é você? — perguntei.

O homem estava enfiado numa fresta no solo, num oco entre as raízes por onde mal passava sua cabeça. Respondeu-me:

— Eu... sou tu amanhã! E falamos sobre um destino terrível, do qual teu amigo talvez tenha escapado trazendo alguém mais ingênuo do que ele.

Percebi o desconcerto, aliás, o desespero de Xavier a minha direita, quando ouviu aquele “talvez”.

— Sabes aquela história de acordar noutra país, numa banheira de gelo sem os rins? Desejarás que houvessem sido só os rins.

Apesar de parecer uma ameaça para quem não tivesse ouvido suas histórias, o homem não tinha comparsas na praça vazia nem poderia se movimentar com rapidez suficiente para me surpreender. Era apenas uma de suas performances, das quais Xavier já me prevenira expressamente no caminho, então avancei alguns passos para a esquerda e embarquei:

— Como eu entro?

O homem, percebendo que me tinha no jogo, gargalhou cnicamente:

— Isso é tudo? Nem um “traidor maldito”, um soco, um tiro? Irmãos se matariam por muito menos, e tens minha palavra de que não será nada agradável!

— Tudo bem, faço essas coisas depois.

— Oh, não poderás. — Parou, como se escutasse algo. — Não temos tempo! O mal se acerca. Porém, se desejas conhecer teu destino fúnebre, selemos um acordo: basta repeties teu nome completo.

Seus olhos fulguravam entre as raízes, inflamando-me um furor passional e grande curiosidade pela história que viria. Repeti *incontinenti* meu nome.

Porém, assim que o fiz, tudo mudou de súbito: as cores avivaram-se, o ar que respirávamos pareceu um tanto inflamável. O homem na raiz tornou-se negro a pouco e pouco, enquanto seu rosto se contorcia num esgar de

# CHANGELING

## OS PERDIDOS

desespero. Gritou a plenos pulmões um horrendo brado evanescente. E não desvanecia somente sua voz: levava consigo todo o resto do mundo. Galhos iam brotando dele enquanto desaparecia e, antes de a praça obliterar-se por completo, pude dar vazão ao ódio que é consequência natural do conhecimento: não que Xavier fosse um grande amigo, mas eu fora traído.

## II. O VELHO NEGRO

Passou-se muito tempo: anos, minutos, séculos, talvez até dias, não sei ao certo. Só sei que o tempo nunca abalou minha certeza de escapar. Não sabia como chegara aonde estava: sinceramente, não me recordo de mais nada antes daquela porta deixada aberta, pela qual ganhei a liberdade.

Lembro-me de que corri durante meses sob o sol inclemente da caatinga: as árvores desviavam sua sombra; as nozes das mangas não me permitiam comê-las; os cocos vertiam água do mar. Minha esperança inabalável me desesperava: quando a paisagem é idêntica e sem saída em todas as direções, a certeza de escapar não é senão a convicção infeliz de que a insuportável fuga durará ao menos até o próximo horizonte.

Escapei, deveras — ou não escreveria este relato —, mas preferiria não tê-lo feito. Após ano e dia de caminhada, crestado pelo sol, sem roupas senão trapos, das nuvens inexistentes choveu-me uma belíssima mulher, que eu inconscientemente temia. Congratulou-me e elogiou minha sagacidade por tentar escapar; disse-me, porém, temer que isso fosse impossível e que, em sua eterna magnanimidade, faríamos um acordo: eu lhe traria alguém em meu lugar, e ela me deixaria viver, desde que a captura de meu substituto a divertisse o suficiente — isto é, envolvesse uma violenta traição.

Talvez eu não tenha ficado feliz com o pacto, mas um acordo é um acordo, afinal. Tão logo o selamos, o chão faltou-me sob os pés — aliás, tudo ao redor me faltou, inclusive as cores. E, neste pretume sem fim, percebi que caía, caía livremente, até desmaiar de dor.

Perambulei; escapei de perseguidores; não me lembrava de uma vida anterior, nem mesmo se eu *tinha* uma, mas a determinação compensou tudo isso. Certos pactos que aprendi do outro lado ajudaram-me num estratagema engenhoso: apresentei-me a um jovem mortal como um “senhor das moscas” (estranho tema que exercia grande influência sobre ele) e lhe infundi indizível terror pelo fado que o aguardava. Em seguida, permiti-lhe trocar seu destino pelo de um amigo, desde que este concordasse — e essa pequena ressalva, da qual tanto me envergonho, era a suprema incitação à traição. Mas se a maldita Dama obrigava-me a isso? Estou certo de que não há tal humanista que dê a própria vida por outrem — ou pelo menos *eu* não era um desses. E nem o assustado jovem. Logo me trouxe uma troca:

bonito, saudável, amigo o suficiente para que a traição divertisse a Dama funesta. O jovem Xavier contara diversas histórias ao amigo e, com inegável talento, fê-lo acreditar que eu era um contador de causos.

Não nego: a trama urdida por Xavier parecia estúpida, mas funcionou tão perfeitamente que meus olhos faiscavam enquanto seu amigo, por mais que eu o alertasse, ouvia minhas verdades e as transformava em suas ficções. Um cruel senso de maravilha abafou meu remorso e o teria entorpecido por completo, mas tudo foi abruptamente interrompido quando senti que corsários se acercavam. No mesmo instante, pus fim à conversa, como vocês já leram na primeira parte deste relato: eu o levaria se me dissesse seu nome, e ele prontamente o fez.

Vocês estão prestes a compreender a profundidade de minha miséria. Os corsários me alcançavam. Eu fora obrigado a trair minha antiga raça incitando a traição; lancei amigo contra amigo, e aquele jovem rapaz, o traído pelo traído na infame cadeia que eu iniciara, o desgraçado branque-lo que Xavier trouxera, falou palavras mágicas que me fizeram lembrar de tudo — antes, durante e depois, tudo! O nome que, perguntado, ele repetiu em voz alta foi — como relembrei naquele momento — meu próprio nome completo!

Joguete da Dama pérfida, títere dos Féés, causador sem culpa de minha ruína, vítima da corrente de traição que eu mesmo iniciara, num estalo compreendi tudo: e, enquanto meu *eu* passado era levado para todos os suplícios que agora eu tão bem recordava, não pude senão gritar de ódio e desespero.

### III.

Não sei se os corsários me pegaram, nem mesmo se me mataram. Não sei se não sou um dos Perdidos eu mesmo. Alguém pode dizer que fugi do que aconteceu depois, ou que esqueci. Mas não acreditem. A verdade é que eu *desisti* de acontecimentos. E daí que a vida é curta, se os malditos Outros não conhecem o tempo? Da última vez que sumi, fui devolvido antes de meu próprio desaparecimento. Da próxima, quem poderá saber? Por isso, peço-lhes: espalhem este relato em todos os espaços; mantenham este relato em todos os futuros. Se alguém descobrir como enviá-lo para o passado, que o faça. Não voltarei enquanto a maldita Dama ainda viver — e, se algum dia eu bater a sua porta e não carregar uma cabeça presa em meu cinto, parabéns! Você foi escolhido para a luta. E espero que venha por bem.

## CONCURSO CULTURAL EU, CRIATURA

**9 de fevereiro a 4 de julho de 2009**

RPG e literatura sempre andaram de mãos dadas. A Devir Livraria apostou que muita gente por aí, fosse ou não RPGista, tinha dentro do cérebro uma semente de escritor e, para não deixar essa semente morrer antes mesmo de vir ao sol, organizou e realizou o Concurso Cultural Eu, Criatura, em parceria com Terra do Nunca, Ambrosia, A Matilha, Fale RPG, RedeRPG, WoD Brasil, d3 system e RPG Online.

Participaram do concurso 87 autores e 101 contos, redigidos em língua portuguesa, com no mínimo 2 mil e no máximo 10 mil caracteres, narrados em primeira pessoa e ambientados no Mundo das Trevas Storytelling. O personagem-narrador era sempre uma criatura sobrenatural do Mundo das Trevas.

Os vencedores foram Bernardo Ferreira Stamato, com o conto “Aberração na coleira”; Fabio Lopes Ribeiro, com “A vergonha de Jonas”; e Samila Cavalcante Lages, com “Lembranças”, que também estão disponíveis gratuitamente em [www.devir.com.br/mundodastrevas/downloads](http://www.devir.com.br/mundodastrevas/downloads).

Copyright © 2011 Devir Livraria Ltda., para a presente edição.

Traição - Copyright © 2011 César Braga Rodriguez Martins.

The World of Darkness (o Mundo das Trevas) e Changeling: the Lost (Changeling: os Perdidos) são marcas registradas da CCP hf, usadas nesta edição sob licença.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/2/1998.

É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios existentes ou que venham a ser criados no futuro sem autorização prévia, por escrito, da editora.

Distribuição gratuita pelo *website* [www.devir.com.br/mundodastrevas](http://www.devir.com.br/mundodastrevas).

## CRÉDITOS

**Edição e preparação:** Maria do Carmo Zanini.

**Diagramação:** Tino Chagas.